

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – CAMPUS VII, CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

EVANDSON DA SILVA FEITOSA

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO
DE CODÓ-MA: UMA ANÁLISE DO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO**

CODÓ, MA
2020

EVANDSON DA SILVA FEITOSA

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO
DE CODÓ-MA: UMA ANÁLISE DO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação de Pedagogia como requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão, Campus VII – Codó.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra.

CODÓ, MA

2020

**O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO
DE CODÓ-MA: UMA ANÁLISE DO ENSINO PÚBLICO E PRIVADO**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à coordenação de Pedagogia
como requisito para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Pedagogia pela
Universidade Federal do Maranhão,
Campus VII – Codó.

Orientador: Prof. Dr. Luís Henrique Serra.

APROVADO EM / ____ / ____ / 2020,

NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Henrique Serra – UFMA
(Orientador)

Prof. Me. Diego Cândido Abreu – IFMA
(Examinador)

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa – UFMA
(Examinadora)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

da Silva Feitosa, Evandson.

O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO
MUNICÍPIO DE CODÓ-MA: UMA ANÁLISE DO ENSINO PÚBLICO E
PRIVADO / Evandson da Silva Feitosa. - 2020.

46 f.

Orientador(a): Luís Henrique Serra.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, Maranhão, 2020.

1. Educação básica. 2. Língua inglesa. 3. Prática
docente. I. Henrique Serra, Luís. II. Título.

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”

(Nelson Mandela)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele nada disso seria possível em minha vida. Tenho muito a agradecer a todos os docentes do curso de licenciatura em pedagogia, pois proporcionaram uma mudança significativa em minha vida, com experiências incríveis, muito conhecimento e a abertura de novas oportunidades.

Quero agradecer a todos os meus colegas de turma pelo companheirismo e união, por também de alguma forma me passarem um pouco de seus conhecimentos em suas apresentações de seminários e no convívio dia a dia em sala de aula, em especial quatro pessoas que convivi mais próximo onde nasceu uma amizade para a vida, que são Irla Soares, Ana Claudia, Elaine Conceição e Denílson Medeiros. Pessoas que compartilhei momentos bons e ruins e que me ajudaram em cada passo dessa conquista e que irei levar para vida inteira.

Quero agradecer principalmente minha família, meu pai Raimundo Nonato Feitosa e minha mãe Irene Maria Feitosa que sempre me apoiaram e incentivaram e ajudaram no que precisei dando condições para eu ter uma formação de qualidade.

Agradecer minha irmã Vanessa, meus avós e tios que sempre me incentivaram a continuar estudando. Agradecer também minha namorada Myla Cristhie que sempre esteve comigo me dando força em momentos difíceis nessa caminhada.

Agradeço ao meu orientador Luís Henrique Serra, que me deu a oportunidade de trabalhar com algo que amo que é a língua inglesa e sempre me ajudou em tudo.

Agradeço aos professores e professoras de todos os estágios e projetos que participei, que me ajudaram compartilhando um pouco de suas experiências.

Agradeço também as professoras que participaram da pesquisa e contribuíram bastante nesse estudo.

E por fim agradeço a Universidade Federal do Maranhão que durante esses quatro anos me acolheu e contribuiu para minha mudança de vida.

RESUMO

O ensino de língua inglesa no Brasil se apresenta em um quadro negativo que possui diversas falhas em todos seus aspectos, apresentando um modelo que tem se mostrado ineficiente no que diz respeito tanto ao ensino como a aprendizagem do inglês. Nesse sentido, esta pesquisa visa investigar o ensino de língua inglesa discutindo a realidade do ensino de inglês em escolas públicas e privadas e seus desafios, além registrar a realidade escolar no que se refere as falhas das escolas ao ensinar e à prática na aula de inglês no município de Codó-MA. Diante disso, a pesquisa se faz necessária para podermos discutir a real situação de como se encontra o ensino de língua inglesa no município. Desse modo, a recolha dos dados e a análise são realizadas à luz das teorias descritivas sobre o ensino de língua inglesa. O trabalho tem por base um levantamento bibliográfico na qual utiliza autores que abordam o ensino de inglês em suas pesquisas como: Jorge (2009), Bernardo (2002), Coelho (2005), Santos (2012). Assim é realizada a análise entre os autores e os dados coletados na pesquisa, comparando a fala dos autores e o trabalho docente. Os dados foram coletados junto a professores de língua inglesa por meio de fichas eletrônicas. Os dados coletados demonstram problemas que ainda permanecem na prática do ensino de língua inglesa, em contra partida existem algumas iniciativas para transformar a realidade da língua inglesa no que diz respeito ao ensino e aprendizagem do inglês.

Palavras-chave: Prática docente. Língua Inglesa. Educação Básica.

ABSTRACT

English language teaching in Brazil presents itself in a negative context that has several flaws in all its aspects, presenting a model that has been shown to be inefficient to regard to both teaching and learning English. In this sense, this research aims to investigate the teaching of the English language by discussing the reality of teaching English in public and private schools and their challenges, in addition to registering the school reality with regard to the failures of schools in teaching and practicing in the English class. in the municipality of Codó-MA. Therefore, the research is necessary to be able to discuss the real situation of the teaching of English language in the municipality. Thus, data collection and analysis are carried out in the light of descriptive theories on English language teaching. The work is based on a bibliographic survey in which it uses authors who approach the teaching of English in their research such as: Jorge (2009), Bernardo (2002), Coelho (2005), Santos (2012). Thus, the analysis between the authors and the data collected in the research is carried out, comparing the speech of the authors and the teaching work. Data were collected from English-speaking teachers using electronic forms. The data collected demonstrate problems that remains in the practice of teaching English, however, there are some initiatives to transform the reality of the English language regarding teaching and learning English.

Keywords: Teaching Practice. English Language. Elementary Education.

LISTA DE SIGLAS

- BNCC** – Base Nacional Comum Curricular
LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação
PCN – Parâmetro Nacional Curricular
PNE – Plano Nacional de Educação
MEC – Ministério da Educação
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Questionário utilizado para a coleta de dados.....	27
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERÊNCIAL TEÓRICO	14
2.1 Ensino de língua inglesa no Brasil	14
2.2 Ensino de língua inglesa em escolas públicas e privadas	17
2.3 Ensino de língua inglesa na infância	21
2.4 A aquisição de língua estrangeira	24
3 METODOLOGIA	27
4 PENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM CODÓ: COM A PALAVRA, OS PROFISSIONAIS	30
4.1 Levantamento de dados dos participantes	30
4.2 Análises do ensino da língua inglesa em nível de Brasil e de Codó-MA ..	31
4.3 Contribuição para a melhoria das aulas de inglês em Codó pelos participantes	36
4.4. Discussão dos dados	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
APÊNDICES	47
APÊNDICE A	47

1 INTRODUÇÃO

A língua inglesa se faz presente no dia a dia em todo o mundo, em uma série de contextos, como em músicas, roupas, comidas, filmes, trabalho e nos estudos, sendo que o conhecimento dessa língua torna-se um fator muito importante para uma pessoa no meio social. Seja no trabalho, na cultura e nas ciências a língua inglesa se torna uma forte aliada para melhorar o desempenho e potencializar o conhecimentos na atualidade, visto que são muitos os contextos em que essa língua é utilizada Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), hoje o inglês é considerada a língua universal, ou seja, a língua mais falada no mundo, não mais pertencente apenas a uma nação, como Inglaterra ou Estados Unidos, ele se tornou a língua de muitos povos, que passaram a não só copiar, mas adaptaram o inglês a suas culturas e seu meio social. O inglês, nesses países, carrega traços próprios, aumentando a multiculturalidade da língua. Desta forma, podemos perceber a importância do inglês para nossa realidade e quanto mais cedo iniciar o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, mais resultados positivos é possível ter no aprendizado dessa língua, as chances de um bom rendimento e aprendizagem se ampliam.

É sabido que quanto mais cedo se inicia o processo de ensino de algo melhor será o desempenho e estudar um segundo idioma desde a infância estimula funções cognitivas da criança e favorece a fluência na vida adulta. De qualquer modo, Abordagens corretas, que favoreçam o aprendizado, pois cada criança possui sua particularidade na aprendizagem, e ritmo diferente, além disso, a atuação do professor também se torna muito importante.

Considerando a importância da língua inglesa, esta pesquisa busca investigar o ensino da língua no município de Codó no Maranhão. Assim, o trabalho intitulado: O ensino de língua inglesa no ensino fundamental do município de Codó-MA: uma análise do ensino público e privado tem como um dos objetivos discutir a realidade, do ensino de inglês e seus desafios nas escolas públicas e privadas na cidade de Codó-MA, buscando discutir a importância da língua dentro do município, e as possíveis falhas do ensino público que acarretam o não aprendizado. Além de mostrar a realidade escolar, procurando também analisar as perspectivas dos professores em relação ao tema.

A escolha do tema surgiu de experiências no período escolar, em que, apesar dos esforços, não se chega a um nível de inglês desejável, e também de observações em sala de aula, feita com alunos do fundamental menor e maior, onde percebeu-se o total desconhecimento da língua inglesa por parte dos alunos. Além disso, notou-se a falta de importância dos alunos com o inglês, e o desinteresse em aprender outra língua. Nesse sentido, buscou-se investigar as razões que estão ocasionando essas situações.

A partir dessas constatações, realizou-se um levantamento acerca do ensino de língua inglesa em escolas públicas e privadas, buscando elencar as principais diferenças entre eles e as dificuldades e problemas encontrados. Assim, busca-se entender o que funciona, como se trabalha a língua, informações acerca dos professores, se possuem formação na área, a estrutura escolar, os recursos que possuem, dentre outros elementos para, a partir dessa constatação, entender o ensino de inglês nesses ambientes.

Baseado em observações, a língua nas escolas é ensinada de forma superficial, notadamente frágil com empenho mínimo para os alunos saírem da Educação Básica com pelo menos uma comunicação razoável da língua, estudantes que têm vontade de aprender a língua precisam pagar cursinhos para tal. Apesar da oficialização do ensino no Brasil já ter longas datas, quando se trata da educação básica, ainda não possui um formato ideal. Óbvio que, desde sua promulgação, ocorreram evoluções, porém segue longe do que se pretende em relação à educação.

Nesse contexto, é possível perceber falhas no ensino que podem estar ligadas ao fato de professores de inglês não possuírem formação específica na área, além disso, muitos professores se sobrecarregam ministrando aulas em várias turmas por conta de seus baixos salários e a desvalorização da língua por parte da escola; além disso, o inglês não é norteado pelos documentos oficiais da educação nas primeiras séries, sendo orientado somente a partir do 6º ano do ensino fundamental. Esse atraso na iniciação do ensino de língua inglesa dificulta bastante o ensino e aprendizagem, se pensarmos que com quanto mais antecedência se inicia melhor.

Nas escolas particulares, o ensino de inglês ainda não chega a um modo satisfatório mesmo com toda estruturação que possui, quando se compara a uma escola pública o ensino de língua inglesa ainda é ineficiente, pois não há o aprendizado satisfatório.

Portanto a pesquisa se faz necessária para proporcionar uma discussão sobre a real situação de como se encontra o ensino de língua inglesa no município de Codó, que por mais que se tenha o ensino de língua inglesa, não é perceptível avanços na área. Nesse sentido, coloca-se em discussão práticas pedagógicas adotadas em sala de aula pelo professor de inglês como uma das dimensões do ensino e aprendizagem de língua inglesa e obter uma contribuição para discussões e potenciais mudanças futuras no ensino de inglês, podendo colaborar com possíveis melhorias, visto a nova realidade do inglês no Brasil, que, pela BNCC, passou a ser a língua estrangeira, principal nas escolas públicas brasileiras.

Além disso, há pouca pesquisa nesse sentido na área, principalmente no que diz respeito ao inglês na infância, um dos principais pontos da pesquisa.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 Ensino de língua inglesa no Brasil

A língua inglesa é nos dias atuais, considerada uma língua de muitos povos, pela sua grande incidência em diversos países, tanto como língua oficial como segunda língua. É tida também como uma língua presente em diversos seguimentos como as ciências, tecnologias e em universidades do mundo inteiro. Segundo Leffa (2001, p. 342):

A língua estrangeira mais estudada no mundo é o inglês. Há uma série de fatos que contribuem para isso, entre os quais podemos destacar os seguintes: (1) o inglês é falado por mais de um bilhão e meio de pessoas; (2) o inglês é a língua usada em mais de 70% das publicações científicas; (3) o inglês é a língua das organizações internacionais. A razão mais forte, no entanto, é o fato que o inglês não tem fronteiras geográficas. Enquanto que o chinês, por exemplo, também é falado por mais de um bilhão de pessoas, a língua chinesa está restrita a China e a alguns países vizinhos. O inglês, por outro lado, é não só declaradamente a língua oficial de 62 países, mas é também a língua estrangeira mais falada no mundo: para cada falante nativo há dois falantes não-nativos que a usam para sua comunicação. O inglês é provavelmente a única língua estrangeira que possui mais falantes não nativos do que nativos.

Nesse sentido, percebe-se a grande atuação e importância da língua inglesa e a necessidade de se aprendê-la, pois é por meio dela que é feita grande parte da comunicação entre pessoas de grande parte do mundo.

No mundo em que se vive hoje, sabe-se da importância do inglês na vida das pessoas. “No sentido prático, o inglês auxilia na conquista de um bom emprego, viagem para o exterior, aprovação em vestibular, como em tantas outras situações” (JORGE, 2009, p.163). Apesar desse carácter do inglês ser bem relevante, ele não se prende somente a isso. Jorge (2009, p.163) acrescenta que, “além do seu uso prático, a língua estrangeira possui um carácter educativo, que propicia e potencializa a educação como um todo”. Assim, podemos perceber a relevância do inglês, que hoje está em todo o mundo como a segunda língua de muitos países, sendo a língua mais falada do planeta.

O ensino de língua inglesa no Brasil iniciou por volta do século XIX, de acordo com Polidório (2014, p.341) “No ano de 1809, o ensino da língua inglesa e da língua francesa torna-se obrigatório. O método usado para o ensino de língua inglesa era o Gramática-tradução ou o Método Clássico. Nesse método, as habilidades que são

trabalhadas são as da leitura e escrita. Trabalha-se com a tradução de textos para estudar as regras gramaticais”. Nesse sentido, vemos que o ensino de língua inglesa tinha como sua função apenas a tradução, com o intuito de formar mão de obra.

Nos anos seguintes, o ensino de línguas estrangeiras foi ganhando mais importância e estrutura, com novos métodos de ensino e com o ensino das quatro habilidades. Assim “Em 1942, temos a Reforma Capanema, que foi a que mais contribuiu para o ensino de línguas estrangeiras. Ela destinou 35 horas semanais para o ensino das línguas estrangeiras. As quatro habilidades: ler, escrever, compreensão oral e comunicação deveriam ser trabalhadas (POLIDÓRIO, 2014, p.341). Após a reforma Capanema, há uma transformação no objetivo do ensino de inglês que deixa de ser utilizado somente para qualificar mão de obra e se volta para a educação. Nesse período, o ensino de línguas estrangeiras eram considerados bons, segundo Coelho (2005) “Os alunos eram expostos a três idiomas (francês, inglês e espanhol, latim era compulsório) e começava a partir dos 11-12 anos com o ensino de francês. “Uma segunda língua estrangeira era então apresentada aos alunos de 15-16 anos e se estendia ao longo dos três últimos anos do ensino escolar”.

Após um período de avanços em relação ao ensino de línguas estrangeiras no Brasil, houve um recuo de impacto nesse ensino, que foi introduzido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Segundo Santos (2012, p. 39) “o ensino de língua inglesa tem sido ora negligenciado, ora tratado indevidamente, chegando a ser, até mesmo excluído da grade curricular obrigatória pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgadas em 1961 e 1971”. Dessa forma, há uma faixa de tempo sem o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, acarretando um atraso com relação a esse ensino no país, que se reflete na atualidade.

As línguas estrangeiras voltam a ser ensinadas somente a partir da promulgação da LDB de 1996, que, em seu artigo 26, parágrafo quinto, diz: “Na parte diversificada do currículo, será incluído, obrigatoriamente, a partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição” (BRASIL, 1996). Nesse sentido, a partir da LDB de 1996, o ensino de língua estrangeira volta a atuar na educação básica brasileira, onde se encontra até nos dias atuais.

Em 1998, cria-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que são instruções para orientar os educadores formalizando alguns elementos em cada disciplina (BRASIL, 1998). Nesse documento, as línguas estrangeiras ganham suas

orientações, buscando padronizar o ensino de línguas estrangeiras no sentido de conteúdos e auxiliar as práticas dos docentes. “Este documento procura ser uma fonte de referência para discussões e tomada de posição sobre ensinar e aprender Língua Estrangeira nas escolas brasileiras. Portanto, não tem um caráter dogmático, pois isso impossibilitaria as adaptações exigidas por condições diversas e inviabilizaria o desenvolvimento de uma prática reflexiva.” (BRASIL, 1998).

Em 2018, é homologado a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é o documento a que tem norteado a educação básica no Brasil.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). (BRASIL, 2018, p.1).

Nesse sentido, a BNCC organiza e orienta todos os conteúdos da educação básica, e busca organizar os currículos escolares a partir de uma perspectiva nacional. O documento padroniza e aponta as aprendizagens necessárias em todas as etapas da educação básica. Na etapa do ensino fundamental, a BNCC, na área de linguagens, coloca em um de seus tópicos a língua inglesa, e não mais outras línguas estrangeiras, fortalecendo o ensino de inglês no Brasil. Segundo a BNCC:

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias. Assim, o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. É esse caráter formativo que inscreve a aprendizagem de inglês em uma perspectiva de educação linguística, consciente e crítica, na qual as dimensões pedagógicas e políticas estão intrinsecamente ligadas. (BRASIL, 2018, p.237).

Deste modo, a língua inglesa torna-se, progressivamente, a língua estrangeira oficial ensinada nas escolas, visto sua importância, apesar de continuar sendo ensinada somente a partir da segunda etapa do ensino fundamental.

Cumprir lembrar, ainda, que o ensino de língua inglesa no Brasil não está presente apenas nas escolas privadas e públicas do país, mas também em cursinhos que se espalharam rapidamente. Segundo Coelho (2005, p. 21) “Por volta dos anos 70, a elite brasileira percebe a importância de se aprender inglês e começam a aparecer os cursos de idioma e as viagens educativas e de intercâmbio para os EUA.” Nos dias atuais, esses cursos continuam crescendo por todo o Brasil, se apegando na falha das escolas de ensino regular. São considerados, pela grande maioria da população, os únicos lugares onde se conquista a fluência na língua inglesa no país. Segundo um relatório de uma pesquisa sobre o ensino de língua inglesa no Brasil elaborada pela British Council (2014) “A busca por uma escola de idiomas é a principal forma de suprir a necessidade do inglês fora da formação básica. Escolas de idiomas foram apontadas como a solução mais buscada em 87% das respostas.” Nesse sentido, percebe-se que os brasileiros não confiam no ensino da educação básica, seja ela pública ou particular.

O ensino de língua inglesa no Brasil acontece há bastante tempo, mas quando se trata da educação básica, ainda está longe de atingir um formato ideal. Há certa evolução desde sua aparição no Brasil, mas ainda segue longe do que se pretende em relação a educação. No sentido dos cursos de idiomas, o ensino de inglês tem evoluído bastante, visto que são escolas voltadas para o mercado linguístico, porém uma pequena parcela da população tem acesso a esses cursos, situação que não é o ideal para o ensino de um modo geral.

2.2 Ensino de língua inglesa em escolas públicas e privadas

O ensino no Brasil, de forma geral, possui muitas falhas, quando pensamos no ensino de língua inglesa não é diferente, são aulas sem recursos, poucos horários, escolas desestruturadas, professores cansados, alunos desmotivados e que não encontram um sentido em aprender a língua inglesa. Nesse sentido, o ensino de inglês em escolas públicas é considerado insatisfatório por essas e diversas outras causas, que vão desde a instabilidade social até o próprio desinteresse dos alunos pelo idioma. De acordo com Teixeira e Silva (2017, p. 163):

Percebe-se que há grandes dificuldades para ensinar a língua inglesa e estas dificuldades deixam lacunas abertas que impedem o aluno de reter os conhecimentos oferecidos no momento da aula de língua inglesa. Essas lacunas abrangem aspectos como falta de preparo e capacitações para os professores, falta de interesse por parte dos

alunos, pois sabemos que na adolescência muitas vezes os alunos não dão a devida importância para o que é ensinado, e também a falta de materiais e recursos a serem oferecidos para que os alunos consigam aprender da melhor forma possível.

Quando se trata de escolas privadas, apesar da estruturação que muitas possuem, ainda não tem um ensino de língua inglesa satisfatório, sendo colocado na grade curricular das escolas apenas por ser uma diferença no currículo. “Muitas escolas da rede privada adotam o ensino bilíngue como uma forma de diferencial, além de atender a uma demanda da sociedade moderna.” (PONTES E DAVEL, 2016, p.104)

A língua inglesa ainda é considerada desvalorizada, principalmente no ambiente escolar, isso fica nítido quando vemos no fim do processo de ensino e aprendizagem o não aprendizado da língua inglesa. Há diversos aspectos que ocasiona essa situação, um deles é a carga horária da disciplina na escola, enquanto para disciplinas como português e matemática são destinados mais de cinco horas/aulas por semana, o inglês recebe no máximo duas horas semanais. Nesse sentido, Jorge (2009, p.166) afirma que “Essa carga horária é fruto de uma cultura escolar que, por anos, entendeu a língua como um conteúdo de importância marginal”. A autora menciona ainda um dos mais importantes aspectos do aprendizado em língua estrangeira, o contato contínuo. Além disso, por conta da desvalorização da própria escola, os alunos acabam que seguindo essa conduta e dando tanta importância quanto a escola.

As aulas de inglês no Brasil na educação básica são desinteressantes, descontextualizadas, com materiais escassos e precários, salas superlotadas dentre outros fatores. Nesse sentido, segundo Bernardo (2007, p.98):

Alguns livros específicos para professores de língua inglesa apontam como causas para a ineficiência do ensino/aprendizagem de inglês os seguintes fatores: (des) motivação, recursos didáticos escassos, classes numerosas, pouca qualificação docente, utilização de metodologias inadequadas e a condição sociocultural do aluno, dentre outros.

Portanto, já se tem o conhecimento das inúmeras possíveis causas de uma aprendizagem defasada no ensino da língua inglesa. Por ser uma língua, o inglês precisa um pouco mais de atenção e tempo de ensino, já que ela traz consigo não

somente a parte gramatical mas cultural de um país, visto que é uma língua que está em vários países, tornando-se uma língua multicultural.

Outro fator que influencia diretamente nessa defasagem é o início tardio do ensino da língua inglesa na educação básica, visto que o primeiro contato dos alunos com o inglês é no 6º ano do ensino fundamental. Se a escola optar por fornecer esse ensino mais cedo em sua grade curricular, fará isso por conta própria, pois a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não regulamenta essa faixa etária do ensino. De acordo com a BNCC:

A Língua Inglesa para o Ensino Fundamental – Anos Finais está organizada por eixos, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. As unidades temáticas, em sua grande maioria, repetem-se e são ampliadas as habilidades a elas correspondentes. Para cada unidade temática, foram selecionados objetos de conhecimento e habilidades a serem enfatizados em cada ano de escolaridade 6º em cada ano de escolaridade 6º, 7º, 8º e 9º anos (BRASIL, 2018, p. 247, grifo original).

Nesse sentido, a BNCC ignora os anos do ensino fundamental menor, norteando apenas o fundamental maior e ensino médio. Há uma perda de tempo, visto que quanto mais cedo se inicia o ensino mais eficaz é o aprendizado, principalmente se tratando de línguas estrangeiras.

A escola pública demonstra que ainda tem dificuldades para ensinar a língua inglesa, visto que apesar do atraso em iniciar esse ensino são contabilizados sete anos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio. Na escola privada, tem-se um tempo bem maior, visto que em muitas escolas o ensino de inglês inicia na infância. É importante destacar, porém, que apenas o início do inglês mais cedo na escola não garante o aprendizado dessa língua, visto que apesar desse início mais cedo não se percebe a aprendizagem dos alunos na língua inglesa, apresentando, com muita frequência, um ensino ineficiente. De qualquer modo, é importante notar que esse é um fator importante para esse aprendizado, juntamente com outros.

Por conta de todos esses problemas no ensino de língua inglesa na educação básica, as escolas públicas e privadas não são vistas como os melhores locais de aprendizado da língua inglesa, atribuindo isso às escolas de idiomas, onde se percebe um ensino de qualidade em línguas. Ainda segundo a pesquisa da British Council (2014) “A busca por uma escola de idiomas é a principal forma de suprir a necessidade do inglês fora da formação básica. Escolas de idiomas foram apontadas como a

solução mais buscada em 87% das respostas.” Nesse sentido se percebe que são essas escolas que muitos alunos procuram após entender que somente no ensino regular não irão atingir o aprendizado necessário para se tornarem falantes da língua inglesa, são nessas escolas que os alunos aprendem de forma completa a língua inglesa, ou seja se tornam bilíngues.

Existem muitas diferenças entre o ensino de língua inglesa da educação básica e o dos cursinhos de língua inglesa, diferenças essas que se tornam cruciais quando se pretende realmente aprender inglês no Brasil. No ensino regular, seja ela pública ou privada, o ensino de inglês fica restringido quase em sua totalidade a gramática, deixando as outras competências como o ler, escrever, falar e ouvir de lado. “Nesse contexto, o ensino do inglês resume-se a noções iniciais das regras gramaticais, leitura de textos curtos e desenvolvimento da habilidade de resolver testes de múltipla escolha voltados para o vestibular.” (British Council, 2014, p. 12). Isso se dá pelo fato de as escolas possuírem uma carga horaria bem reduzida e salas superlotadas, dentre outras dificuldades, que impossibilitam o trabalho de forma a abranger todos os quesitos para se chegar ao aprendizado.

Nos cursinhos de língua inglesa a realidade é outra, em todos os sentidos quando comparado ao ensino da educação básica, a metodologia utilizada nesses cursos abrange todas as competências. Por trabalhar com situações do dia a dia, o professor consegue atingir a leitura, a oralidade, o ouvir e a escrita, incluindo a gramática. A carga horária ajuda muito nesse trabalho, pois o professor consegue trabalhar tudo isso de forma conjunta, tornando o ambiente propícia para aprendizagem. Além disso, segundo Oliveira e Mota (2003, p.123), há também recursos como:

Salas amplas e confortáveis (turmas com 8/10 alunos); Áudio e vídeo em todas as salas; Programa dividido em quatro módulos de seis meses cada; Corpo docente formado por professores capacitados para exercerem a função de educadores; Plantão tira-dúvidas, para que o aluno solucione suas dúvidas, tanto das aulas como assunto fora de aula; Metodologia dinâmica e expositiva com a participação direta do aluno, onde a teoria e prática caminham juntas, alcançando o aprendizado em menos tempo e de forma efetiva.

Portanto, são esses benefícios que fazem com que as pessoas optem por buscar os cursos de idiomas, visto que, na escola, não se atinge a aprendizagem esperada. Ainda nesse sentido, de acordo com British Council (2014, p.23):

A preferência declarada é por aulas em inglês, que “forcem” o desenvolvimento das habilidades do aluno. Essas conversas, na visão dos respondentes, podem ser estimuladas antes mesmo de um aprofundamento sobre as regras gramaticais da língua. A melhor forma de treinar essa conversação, para eles, é discutir assuntos atuais e diretamente relacionados ao seu dia a dia profissional e pessoal.

Portanto as pessoas procuram cursos que se desprendam da gramática e se volte para a conversação e que seja mais objetivo, pois o principal objetivo é atingir a fluência na língua, coisa que não acontece na escola regular. Nesse sentido, o ensino nas escolas e nos cursos são bem diferentes, que faz com que os cursos de inglês tomem o lugar das escolas quando se trata de ensino de línguas.

2.3 Ensino de língua inglesa na infância

No cenário do ensino de línguas estrangeiras, tem-se levantado uma discussão sobre qual a melhor idade para aprender uma nova língua. Muitas pesquisas apontam que é na infância o momento mais propício para esse aprendizado, visto diversos fatores que colaboram para tal.

Quem nunca ouviu a frase “quanto mais cedo melhor”? Essa é uma frase muito dita quando se trata de aprendizagem. Mas, será que essa ideia de que quanto mais cedo se inicia algum estudo, melhor é o aprendizado é verdadeira? Segundo alguns pesquisadores, isso é verdadeiro, pois nos primeiros anos de vida da criança ela está em um constante desenvolvimento, da sua linguagem, de alguns órgãos e tem bastante curiosidade. Nesse sentido Grolla e Silva (2014, p. 33) dizem que:

O desenvolvimento da linguagem como um todo ocorre par a par com o desenvolvimento do cérebro e, quando o crescimento do cérebro estaciona, o mecanismo de aquisição da linguagem também estaciona, não permitindo mais a aquisição de uma língua com a mesma rapidez, facilidade e perfeição com a que a primeira língua foi aprendida.

Portanto, ao contrário do que se pensa, a criança tem mais facilidade de aprender ainda bem pequena, pois seu organismo está se aprontando para receber e fixar a informações obtidas. Não programar essa área de conhecimento nessa faixa etária é deixar de aproveitar um momento propício, onde o corpo está preparado para receber e armazenar com mais facilidade o conhecimento linguístico. Desse modo, fica evidente a tese do período crítico, onde a criança possui um tempo em que se aprende melhor. Cristovão e Gamelo (2009, p.44) afirmam que: “A hipótese postula,

como o próprio nome sugere, que existe um período no qual a aquisição de uma língua – seja ela materna ou estrangeira – é mais propícia para o aprendizado, uma vez que tal processo é sustentado por suporte biológico”. No mesmo sentido, Grolla e Silva (2014, p. 31) comentam ainda que.

(...) existe o que se convencionou chamar de período crítico para a aquisição da primeira língua, que dura até o início da puberdade. A criança deve ter contato com falantes de alguma língua natural até esse momento, sob pena de não mais ser possível adquirir uma língua com a mesma perfeição com que adquirem crianças expostas a uma língua humana desde o momento de seu nascimento.

Nesse sentido, se percebe a importância de se levar em consideração esse período, onde a criança está formando seu conhecimento como um todo. No Brasil, o ensino de inglês regulado pela BNCC, inicia-se quando o período crítico finaliza ou está no meio, há uma controvérsia. Desse modo, não se aproveita uma etapa importantíssima da criança, que é a fase de aquisição da linguagem. Em um dos seus estudos, Sobroza (2008) cita a idade como um dos pilares de maior importância na aprendizagem de línguas. Segunda ela:

Está comprovado neurologicamente que uma criança aprende uma língua diferentemente de um adolescente ou adulto. Aos dois anos, inicia-se o processo de lateralização do cérebro humano. A partir dos dois anos, aproximadamente, as habilidades infantis vão sendo “mapeadas” e setorizadas. Aos cinco anos, grande parte da lateralização já ocorreu, mas a divisão do trabalho entre os hemisférios cerebrais estará completa só aos 12 ou 13 anos, quando o indivíduo entra na puberdade. (SOBROZA, 2008, p. 05).

Assim, uma criança tem mais facilidade em aprender uma língua se comparada a um adulto ou adolescente, pois é o período em que seu cérebro está em formação período esse que finaliza com início da puberdade. A educação brasileira ignora todos esses estudos, visto que o inglês começa a ser ministrado nas escolas a partir do momento que finaliza o período.

As crianças, nos dias atuais, nascem mergulhadas em um mundo tecnológico, onde estão em contato com diversas culturas e línguas, uma dessas línguas é o inglês, que está presente em suas vidas por meio de filmes, desenhos animados, jogos que são acessados por celulares e o televisor em contato com a internet. Diante disso, Cristovão e Gamero (2009, p.242), dizem que “As novas tecnologias levaram nossas

crianças a um estado de inquietação constante, já que essa geração de nativos eletrônicos vivencia o mundo de forma muito dinâmica”. Assim, desde muito cedo, há um contato com a língua inglesa, que está muito presente nesse meio tecnológico e por consequência na vida das crianças. Vários estudos apontam que, na infância, há uma maior facilidade em aprender e que incentivar esse aprendizado propicia o desenvolvimento social da criança. Assim, o incentivo para estudar uma língua estrangeira na infância beneficia ainda mais o desenvolvimento no futuro do aprendizado de uma língua estrangeira seja ela qual for.

Nesse sentido, o inglês se apresenta como uma opção, onde além de beneficiar o seu desenvolvimento, a inclui no mundo hoje globalizado, aumentando seu repertório sociocultural. Nesse mesmo sentido, Colombo e Consolo (2016, p. 67) afirmam que “A importância da consideração de aulas de inglês como língua estrangeira em escolas regulares e de idiomas explica-se por serem esses os principais locais formais e historicamente destinados ao aprendizado de uma língua estrangeira por crianças”. Dessa forma, o ensino da língua inglesa deve ser fornecido principalmente na escola regular, na rede privada onde já é mais regularmente encontrado, e especialmente na rede pública onde se encontra a maior quantidade de alunos, e pelo fato de muitos não terem condições de arcar com despesas de escolas de idiomas ou escolas particulares.

Nas escolas públicas brasileiras, o primeiro contato dos alunos com o inglês é no 6º ano do ensino fundamental. Se a escola optar por fornecer esse ensino mais cedo em sua grade curricular, fará isso por conta própria, pois a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) não regulamenta essa faixa etária do ensino. De acordo com a BNCC:

A Língua Inglesa para o Ensino Fundamental – Anos Finais está organizada por eixos, unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. As unidades temáticas, em sua grande maioria, repetem-se e são ampliadas as habilidades a elas correspondentes. Para cada unidade temática, foram selecionados objetos de conhecimento e habilidades a serem enfatizados em cada ano de escolaridade 6º, 7º, 8º e 9º anos. (BRASIL, 2018, p. 247).

Portanto, a BNCC ignora os anos anteriores de ensino e há uma perda de tempo, visto que, quanto mais cedo, inicia-se o ensino mais eficaz é o aprendizado, principalmente se tratando de línguas. Assim, existe uma negligência com o ensino de inglês, que parece não ser levado tão a sério quanto merece.

Muito se questiona os motivos de ensinar a língua inglesa na infância, dando como argumento a dificuldade das crianças de aprender a própria língua, ou seja, o português. Em contrapartida, alguns teóricos acreditam que o ensino baseado nas metodologias naturais, onde o ensino é baseado na espontaneidade e utilização de formas lúdicas, podem ajudar na compreensão infantil do ensino da língua inglesa, levando em consideração principalmente aspectos do seu dia-a-dia. De acordo com o documento norteador do ensino da cidade de Londrina (2013, p.19):

Assim, o ensino da Língua Inglesa nos anos iniciais deve priorizar abordagem natural e comunicativa, utilizando-se da motivação das crianças, de jogos, brincadeiras, contação de histórias, atividades em duplas e grupos que são extremamente significativas para a infância. Por meio desta abordagem os alunos se apropriam da heterogeneidade da língua, distante do foco puramente instrumental e/ou metodologias de ensino que priorizam regras e estruturas gramaticais em detrimento da função comunicativa.

Quando se trata de crianças, pesquisadores destacam que uma aula diversificada que explore a atenção da criança e seja atrativa para ela melhora os resultados de aprendizado, pois, segundo Queiroz e Carvalho (2010), crianças não possuem maturidade cognitiva para ensinamentos de conceitos, regras e gramáticas, se prender a essas metodologias podem ocasionar a não compreensão dos alunos.

2.4 A aquisição de língua estrangeira

Para se falar em aquisição de língua estrangeira, se faz necessário entender os termos aquisição e aprendizagem, visto que, muitas das vezes, essas duas palavras são tidas como sinônimos. O termo aquisição de acordo com Sobroza (2008, p.2) é:

A aquisição se dá numa situação de contato direto com a nova língua. Estando inserido em um sistema de signos, o seu uso ocorrerá naturalmente, como o que acontece na infância ao adquirir a língua materna. No processo de aquisição, o que interessa é a comunicação, tudo ocorre inconscientemente, é um processo subconsciente/intuitivo. A aquisição da língua estrangeira envolve as estruturas mentais, a personalidade, a influência de fatores externos. Não é um fenômeno uniforme e previsível, pois cada indivíduo é único, com diferenças em seu desenvolvimento.

Assim, a aquisição da língua estrangeira ocorre semelhante à da primeira língua, de forma natural, sem que haja interferência de uma vontade em aprender,

mas sim da necessidade desse aprendizado para comunicação. No caso da aprendizagem, Sobroza (2008) diz que “a aprendizagem é o estudo consciente da gramática, exige o estudo sobre a língua em uso. O estudante deixa de ser um falante para ser um aprendiz da língua em estudo no que se refere às suas regras”.

Nesse sentido, ao se aprender uma língua estrangeira, o estudante além da oralidade, aprende as regras que a gramática da língua tem em si. Desse modo, um estudante brasileiro passa pelos dois processos ao aprender a língua portuguesa, primeiro o de aquisição, quando ainda criança aprende a verbalizar visto a necessidade de comunicação, e o de aprendizagem, onde aprende as regras que organizam a língua portuguesa.

Sob o mesmo ponto de vista, Schütz (2002, p.1) diz que a aquisição da linguagem:

Refere-se ao processo de assimilação natural, intuitivo, subconsciente, fruto de interação em situações reais de convívio humano em ambientes da língua e da cultura estrangeira, em que o aprendiz participa como sujeito ativo. É semelhante ao processo de assimilação da língua materna pelas crianças; processo este que produz habilidade prático-funcional sobre língua falada e não conhecimento teórico; desenvolve familiaridade com a característica fonética da língua, sua estruturação e seu vocabulário; é responsável pelo entendimento oral, pela capacidade de comunicação criativa e pela identificação de valores culturais.

Desse modo, o conceito de aquisição se amplia, abrangendo não somente a linguagem mas também valores e a cultura. Quando se trata da aprendizagem, assim como Sobroza. Schütz (2002, p. 1), por sua vez, acrescenta ainda que

“Ela está ligada à abordagem tradicional ao ensino de línguas, assim como é ainda hoje geralmente praticada nas escolas de ensino médio. A atenção volta-se à língua na sua forma escrita e o objetivo é o entendimento pelo aluno da estrutura gramatical e das regras do idioma, cujas partes são dissecadas e analisadas. É uma tarefa que exige esforço intelectual e capacidade dedutivo-lógica”.

Nota-se que, quando se trata de aquisição, o processo é para além da sala de aula, sendo o contrário da aprendizagem, que seu processo é frequentemente ocorrido em ambiente escolar.

Alguns autores utilizam outras maneiras de explicar o processo de aquisição da linguagem. Para Santos Gargallo (2010, p. 19), a aquisição é um processo inconsciente de internalização de um sistema linguístico por exposição natural à

língua. “Es un proceso espontáneo e inconsciente de internalización de reglas como consecuencia del uso natural del lenguaje con fines comunicativos y sin atención expresa a la forma”.

Nesse sentido, quando ocorre o processo de aquisição, ele não é um processo pensado, sistematizado como eventualmente ocorre no ensino e sim um processo não planejado, onde para aprender basta estar em contato com falantes da língua. Opondo-se a isso, o autor diz que o processo de aprendizagem é consciente, ou seja é um processo sistematizado, guiado por professores. “Es un proceso consciente que se produce a través de la instrucción formal en el aula e implica un conocimiento explícito de la lengua como sistema” (SANTOS GARGALLO, 2010, p. 19).

Em suma, os autores mostram colocações similares em suas abordagens sobre o processo de aquisição e aprendizagem, termos esses que diversas vezes se confundem, onde entendem que a aquisição é algo necessário para uma aprendizagem efetiva de uma língua estrangeira, é claro não desqualificando o fator aprendizagem explanado pelos autores.

3 METODOLOGIA

Apesar de o ensino de língua inglesa no Brasil não ser um dos melhores, ele existe e está presente nas escolas públicas e privadas. Sendo assim, entende-se que há um investimento, tanto em profissionais da área quanto em recursos para manter o ensino dessa disciplina. Percebe-se a necessidade de se estudar a língua inglesa, pelo fato de ela ter se tornado uma língua universal, ou seja, utilizada não somente por países onde o inglês é a língua mãe, mas adotada em outros países como sua segunda língua (BRASIL, 2018). A partir desse entendimento, é importante uma investigação para entender em que condições se dão todo o processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa no Brasil.

Buscando fatores que condicionam o ensino de língua inglesa na escola de um modo geral, a análise da pesquisa irá contemplar temas como: infraestrutura da escola, material didático, currículo, formação dos professores na área, e a perspectiva dos alunos sobre a mesma, dentro de escolas públicas e privadas, objetivando coletar dados para um debate mais amplo sobre melhorias para o ensino e aprendizagem de língua inglesa. Nesse sentido, Paiva (2019, p.11) diz que “fazer pesquisa é uma tarefa de investigação sistemática com a finalidade de resolver um problema ou construir conhecimento sobre determinado fenômeno”. Assim a pesquisa em questão tem por entender as causas que levam os alunos a não aprender a língua inglesa na educação básica, identificando os problemas do ensino-aprendizagem na língua inglesa.

A pesquisa possui caráter qualitativo, pois buscou analisar documentos, e experiências de professores tanto em escolas privadas como em escolas públicas do município de Codó-Maranhão, onde foi realizada a coleta de dados com professores que possuem formação em língua inglesa. E também por meio de observações de aulas e análises de documentos, para a interpretação desses materiais, objetivando entender e descrever o que acontece com esse ensino, buscando ampliar o campo de conhecimento na área dentro do município de Codó. De acordo com Neves (1996, p. 1) “a pesquisa qualitativa assume vários significados nas ciências sociais. Possui um conjunto de interpretações bem abrangente que visam decodificar e descrever um sistema”. A pesquisa tem caráter bibliográfico, pois foram realizados estudos em textos dos mesmos assuntos trabalhados por outros autores. E exploratório, pois houve o levantamento de informações, leituras e análise de documentos, como a BNCC e PCNs. A pesquisa exploratória nos possibilita o aprofundamento do assunto

e compreender de maneira mais satisfatória. Nesse sentido, Gil (2008, p. 41) diz que a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema que se investiga. Podendo ser feito um levantamento bibliográfico, questionários para levantamento de informações e entrevistas com pessoas que possuem familiaridade com o problema. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 163) “as investigações, em geral, nunca se utiliza apenas um método ou uma técnica, e nem somente aqueles que se conhece, mas todo os que forem necessários ou apropriados para determinado caso. Na maioria das vezes, há uma combinação de dois ou mais deles, usados concomitantemente”.

Para a captação das informações, foi utilizado um questionário que continha um total de dez questões. Esse questionário foi criado por meio da plataforma **Google forms**, onde foram produzidas todas as questões e enviado para as professoras entrevistadas via **whatsapp** (aplicativo de interação social e mensagens de texto), desse modo, tornando a aplicação ágil e eficiente. O questionário foi produzido com intuito de colher o máximo de detalhes possíveis, no qual todas as questões criadas foram no formato de questões discursivas, que indagavam os entrevistados a fornecer detalhes de suas experiências, representadas no quadro 1.

Quadro 1: Questionário destinado aos professores da língua inglesa das escolas do município de Codó no Maranhão. (N: 10).

Questão 1	Qual a sua formação e quanto tempo trabalham com a língua inglesa?
Questão 2	Em qual série(s) do ensino fundamental você atua?
Questão 3	Qual a sua opinião sobre o ensino de língua inglesa no Brasil? E em Codó?
Questão 4	Em sua opinião o Brasileiro sabe falar inglês? Se não, quais os fatores que contribuem para que o ensino de língua inglesa não funcione?
Questão 5	Como você contribui para o aprendizado da língua inglesa em sala de aula?
Questão 6	Você acredita que seja possível aprender inglês na educação básica?
Questão 7	Você trabalha apenas com a língua inglesa? Se não, quais outras disciplinas você leciona?
Questão 8	Você acredita que o ensino de inglês é importante no município de Codó? Por quê?
Questão 9	Como são as aulas de inglês na escola em que trabalha? E de que forma ela apresentaria melhores resultados, em sua opinião?
Questão 10	Em sua opinião, como o ensino de língua inglesa na educação básica é visto no Brasil?

Fonte: Autoria própria

As questões colocadas anteriormente foram direcionadas para cinco (5) professores da língua inglesa que atuam em escolas privadas e públicas. Nesta análise, tendo sido levados em consideração a privacidade e o anonimato dos

professores, entendendo, conforme Lakatos e Marconi (2003, p.201), que a pesquisa acadêmica deve segurar a vantagem do sigilo, garantindo a privacidade dos participantes e de seus dados. Respeitando essa garantia, os participantes serão direcionados para identificação apor meio de letras.

4 PENSANDO O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA EM CODÓ: COM A PALAVRA, OS PROFISSIONAIS

A pesquisa foi realizada com cinco entrevistados, e todos eles receberam as questões, facilitando os resultados deste estudo. Os resultados apresentados foram divididos em três partes para melhor organização da sua apresentação.

A apresentação dos dados respeitou a ordem pela qual as questões são apresentadas. Desse modo, os resultados estão apresentados e analisados em três grupos: o primeiro com informações dos dados do participante (formação, local de trabalho, nível em que trabalha e se há outra matéria que o docente ministra); o segundo grupo de questões demonstrou as opiniões relacionadas ao ensinamento da língua inglesa e importância em nível de Brasil e de Codó-MA e o terceiro grupo são apresentadas as opiniões e experiências desses professores, ou seja, de que forma os participantes contribuem para as melhorias no ensino.

A medida em que as informações coletadas foram apresentadas do mesmo modo era realizada a análise. Isso foi feito para que a análise se torne mais organizada, elencando alguns detalhes das informações obtidas na pesquisa.

4.1 Levantamento de dados dos participantes

Por meio do levantamento de dados, foi possível observar que todas as participantes são do sexo feminino, e a maioria tem um tempo razoável de experiência na docência do ensino e aprendizado da língua inglesa, tanto em escolas públicas como em escolas privadas, sendo que a maioria delas tem formação em curso de licenciatura em letras - língua inglesa. Por conta da experiência desses docentes, é possível observar o conhecimento deles sobre a situação da disciplina de língua inglesa nas escolas do município de Codó, como é possível perceber nas falas das participantes a seguir. Para preservar a identidade dos participantes, serão usadas letras para a sua identificação.

Participante: Professor A.

“Sou formada em Licenciatura em Letras, trabalho há 15 anos com a componente curricular Língua Inglesa e trabalho em escola pública, ministrando também a disciplina de língua portuguesa, atuando do sexto ao nono ano”.

Participante: Professor B.

Tenho Superior Completo em Letras e Inglês há 14 anos, ministrando em escola pública, ministrando também a disciplina de Artes do ensino fundamental e médio nas duas disciplinas.

Participante: Professor C.

Sou discente do curso de pedagogia. Pretendo logo depois de terminar o curso, fazer licenciatura em letras no inglês. Atuando no ensino de língua inglesa há mais de 1 ano e meio em escola particular, ministrando do ensino fundamental ao ensino médio.

Participante: Professor D.

Sou formada em Língua e Literatura Inglesa, desde 2005. Ministro a disciplina no ensino médio pela rede pública.

Participante: Professor E.

Sou formada em Licenciatura plena em língua inglesa, trabalho a 22 anos como professores da rede pública, ministrando a disciplina atualmente no ensino médio.

Como é possível perceber, os docentes que prestam informações para esta pesquisa têm mais de 1 ano de experiência em docência com a língua inglesa e a maioria tem mais de 10 anos de sala de aula. Muito embora a professora C esteja ainda em formação em curso de Pedagogia, a experiência permite que ela possa dá informações importantes nesta pesquisa, que tem como foco não tanto o conhecimento desses professores, mas sim as vivências deles em salas de aula da escola pública do município ou da região.

4.2 Análises do ensino da língua inglesa em nível de Brasil e de Codó-MA

Por meio das colocações dos professores, é possível entender que, para esses professores, o melhor meio do ensino e aprendizado da língua inglesa é o uso da língua de modo integral, considerando suas dimensões linguísticas, sociais e culturais. Desse modo, nessa preposição, não fica de lado o conhecimento das formas gramaticais, que, na opinião de alguns deles, seria um meio mais fácil de ensinar. Na ótica desses docentes, foi possível perceber que, por falta de maiores recursos financeiros, a maioria dos brasileiros não fala inglês, o que, de algum modo, é dizer

que o inglês na educação básica não funciona. Nesse sentido, Quando perguntados qual a opinião deles sobre o ensino de língua inglesa no Brasil e em Codó A professora A comenta que:

O Ensino de Língua Inglesa no Brasil e em Codó ao longo dos tempos esteve baseado em ensinar gramática, porém mais recentemente vem se modificando, muitos professores estão saindo desta zona de conforto, digo isto porque ensinar gramática é bem mais fácil do que ensinar linguagem, pois o ensino de Língua Inglesa não diferentemente da Língua Portuguesa tem como objetivo garantir aos discentes o acesso aos saberes linguísticos necessários à participação social e para o exercício da cidadania, reintegro aqui que muitos professores estão modificando seus fazeres pedagógico de ensinar a simples gramática, mas ensinar o aluno a pensar a expressar seu ponto de vista, partilhar e construir sua própria visão de mundo, produzindo seus próprios conhecimentos.

Sob o mesmo ponto de vista, a professora D comenta:

O Ensino de Língua Inglesa no Brasil em Escolas Públicas não é o ideal, uma vez que basicamente é focado na gramática, não focando nas quatro habilidades necessárias para o aprendizado da “língua”. Temos algumas escolas de forma isolada que buscam o ensino focando nas habilidades, e ainda assim com dificuldade. Em Codó, segue a média nacional, focando-se muito na gramática, lembrando que o que leva a isso é todo um sistema que não se resolve do dia Pra noite, não é "culpa" do professor

Ambas as opiniões reforçam que o ensino de inglês no Brasil, em especial em Codó, cidade onde as professoras atuam, é focado quase que exclusivamente no ensino da gramática, e que por conta disso os alunos não aprendem. Nessa perspectiva, Fernandes, Felicetti e Szezecinski (2019, p.71) também reconhecem essa realidade comentando que “Mesmo reconhecendo o potencial existente no ensino de língua inglesa, prevalece nas salas de aula a leitura, a escrita e a gramática em detrimento da expressão oral e entendimento de falas”.

Acrescentando-se a isso, Santos (2011, p.3) diz que “o ensino da língua inglesa na maioria das escolas públicas está limitado à apresentação das regras gramaticais mais básicas, exemplificadas com frases curtas e descontextualizadas, treinadas em exercícios escritos de repetição e de substituição típicos do audioligualismo”. Em contrapartida, as professoras citam que há uma busca por uma mudança nesse tipo de ensino por parte dos professores, buscando um ensino mais amplo, no sentido de visão de mundo por parte do aluno, e enfatizam que não é uma tarefa fácil.

A professora B, por sua vez, menciona tanto infraestrutura escolar como a reciclagem do professor nas dificuldades do ensino de língua inglesa em escolas, sobretudo nas escolas codoenses. Segundo ela:

Deixa a desejar no que diz respeito à infraestrutura das escolas que oferece pouco ou nenhum recurso para melhoria das aulas, bem como cursos de aperfeiçoamento continuado para os professores

Existe um conjunto de fatores dentro do que a professora B menciona que faz com que o ensino de inglês não funcione. No mesmo sentido, Teixeira e Silva (2017, p.165) mencionam “[...] que as escolas públicas ainda não estão prontas para oferecer um aprendizado eficaz da segunda língua e que a falha no ensino envolve vários fatores dentro das escolas brasileiras”. Como já mencionado, há um conjunto de fatores tanto estruturais como metodológicos e até para além disso, que faz com que a escola seja incapaz de promover o ensino da língua inglesa.

De acordo com a professora C, existe uma desvalorização por parte das autoridades, essa desvalorização que parte das instâncias superiores como as secretárias de educação estaduais e municipais e o MEC (Ministério da Educação) reflete nas salas de aulas prejudicando o ensino da língua inglesa. Segundo ainda a professora C:

[...] falta um pouco mais de interesse por parte das autoridades públicas, tanto no Brasil como nos municípios. Por ser uma língua universal deveria se investir mais.

Por meio de uma pesquisa feita pela British Council (2014, p.12) no Brasil, é possível pensar nas diferentes dimensões do fracasso do ensino de língua inglesa no Brasil. No relatório da companhia, é reconhecido que “[...] especialistas, professores e até mesmo o governo reconhecem que o ensino de inglês na educação básica, seja privada ou pública, não consegue formar estudantes com um bom nível de proficiência nesse idioma”. Desse modo, até mesmo o governo entende que seu ensino em língua inglesa não é o ideal para um real aprendizado, visto que esse aprender significa dominar o idioma.

A professora E, faz algumas colocações sobre diversos pontos do ensino da língua inglesa, como a gramática, a importância de se estudar o inglês, e a realidade das escolas de educação básica. Nessa direção, ela faz um apanhado do ensino de língua inglesa na cidade de Codó de um modo geral comentando que:

Acho muito importante, pois sempre estaremos em situações que serão necessários o entendimento do Inglês”. Em Codó, uma cidade

em desenvolvimento, a expectativa para o uso da língua inglesa ainda não é reconhecida como necessária. (...) Quando comecei a estudar inglês há mais de 25 anos, diziam que havia muitas escolas de comunicação, e que o brasileiro falava tão bem, que não tinha nem sotaque de estrangeiro. Agora, aprender inglês nas escolas convencionais é outra realidade. Tanto faz ser pública ou privada. O aprendizado não rende da mesma forma. Não se pode forçar um aluno que não quer aprender. A consequência foi, e ainda é, adaptar uma metodologia fraca de estímulos de aprendizagem. O estudo da gramática, assim como, é ensinado a nossa língua portuguesa.

Dessa forma, em sua fala, a professora toca em alguns pontos delicados que são comuns na educação brasileira, além disso a participante ainda complementou com suas vivências em sala de aula de como era visto o inglês e o estudante da língua inglesa no Brasil. Da mesma forma, a maioria dos participantes comentou que o ensino é esquecido no Brasil, tratado como algo secundário. Isso fica evidenciado quando as docentes são perguntadas sobre como o ensino da língua inglesa é visto no Brasil, a professora A, mais uma vez, menciona a gramática como o foco da aula, um verdadeiro reducionismo das diferentes dimensões dessa língua internacional. Segundo a professora:

No Brasil, o ensino de Língua Inglesa é visto apenas como ensino de gramática sem tanta importância, somente para preencher a lacuna deste componente, sem aprendizagem.

Nesse sentido, o ensino de língua inglesa serve apenas para compor a grade curricular, cumprindo os regimentos estabelecidos, não havendo um processo de ensino-aprendizagem, ou apenas a tentativa de um. A professora C destaca que o inglês não é percebido e ressalta a escassez de professores de língua inglesa com formação, além disso, cita que muitos não têm qualificações e boa vontade para dar uma aula que funcione. Além disso, em sua avaliação sobre o ensino de língua inglesa em Codó, a docente diz que:

Primeiramente que não é visto. Falta mais interesse como já falei antes por parte das autoridades públicas. E um dos maiores motivos para não termos uma educação de qualidade é a falta de professores de inglês que são muito precários, é muito difícil de encontrar. Faltam mais qualificações também.

Nesse mesmo sentido, a pesquisa da BRITISH COUNCIL (2015, p.17) dialoga com a fala da professora C e demais professores, quando constata que:

Além das dificuldades de formação, também foi possível constatar que os professores de inglês se encontram sobrecarregados em suas rotinas de trabalho. Eles dão aulas para muitas turmas e geralmente lecionam outras matérias além do inglês, sendo que a maior sobreposição é com a disciplina de língua portuguesa.

Graças a essa escassez de professores de língua inglesa há uma sobrecarga sobre os que atuam nesse ensino, além disso por conta de sua formação muitos são deslocados para ministrar outras disciplinas, agravando ainda mais a situação. A professora D, coloca algo bem interessante em sua fala, quando diz que o inglês no currículo escolar deveria ter mais espaço e interesse pela própria direção e isso se reverberaria nos alunos. Para ela, o ensino de língua inglesa:

É visto como algo secundário, até mesmo terciário. Deveria ser prioridade, uma vez que se tem uma base sólida, ficaria muito mais fácil dar prosseguimento nas séries seguintes. O Ensino de uma língua é algo constante, e a educação básica seria o pontapé para o aluno dar passos mais largos após o Ensino Médio.

Nesse sentido o inglês é deixado de lado em relação a outras disciplinas, além disso a professora menciona um dos problemas que mais pesa na má qualidade do ensino de língua inglesa o início tardio desse ensino. Assim como diz Teixeira e Silva (2017, p.164) “apesar da criança começar a frequentar a escola cedo, o ensino da língua estrangeira só começa a ser ensinado cinco anos depois, não tendo como enfoque a habilidade oral no ensino da língua”.

Dessa forma oferecer esse ensino desde a base ajudaria os próximos passos, na questão do próprio aprendizado da língua inglesa no fundamental maior, no ensino médio e como a professora fala, benefícios para após o término do ensino regular. Seguindo nessa temática a professora B diz comenta que

“A associação com a língua materna interfere no aprendizado e principalmente na escola pública, o ensino é iniciado tardiamente.”

O início tardio do ensino de língua inglesa compromete o desenvolvimento do aprendizado dessa língua. Para se ter uma eficácia, o interessante seria esse ensino ser iniciado na infância, pois a criança passa por um momento chamado período crítico, momento onde a criança está mais propícia a aprender uma língua, conforme foi comentado anteriormente neste trabalho e por Grolla e Silva (2014, p.31). Nesse sentido, deixar esse período passar resulta em uma maior dificuldade no aprendizado de uma língua estrangeira. Sob essa mesma perspectiva Sobroza (2008, p.6) comenta que:

A puberdade representa o trauma de sofrer mudanças críticas de natureza física, cognitiva e emocional. Adolescentes mudam não só na forma como entendem a si mesmos, como também no modo de se relacionarem socialmente com os outros; diferem inclusive na forma como usam processos comunicativos para restaurar o equilíbrio afetivo. Assim, a puberdade é considerada um divisor de águas pedagógico.

Fica claro que, para o autor, a partir da puberdade, a criança não tem mais a mesma facilidade que teria quando se trata de adquirir uma nova língua, pois perdem alguns atributos que facilitariam esse aprendizado à medida que vão crescendo e a infância, portanto, é o momento ideal para essa aquisição, perder esse momento propício do desenvolvimento humano talvez seja um dos principais problemas do aprendizado da língua inglesa ou qualquer outra língua não materna nas escolas brasileiras. Portanto o ensino de língua inglesa necessita de mais atenção e dedicação, para que possa acontecer um aprendizado eficaz e resultante na vida dos alunos de um modo geral.

4.3 Contribuição para a melhoria das aulas de inglês em Codó pelos participantes

Neste tópico, iremos analisar as respostas das professoras referentes ao questionamento de qual a contribuição das docentes para o aprendizado da língua inglesa em sala de aula? Conforme o comentário das professoras, é possível observar que as participantes ainda acreditam no ensino e aprendizado da língua inglesa na cidade de Codó-MA. De acordo com os relatos, maioria delas utiliza métodos inovadores para a quebra da monotonia, onde há também a confirmação de que a grande dificuldade dos aprendizados é aparte do interesse dos alunos em querer aprender, como mostra o levantamento abaixo.

Segundo a Professora A, para se obter uma real aprendizagem da língua inglesa, é necessário se desprender somente do ensino da gramática, nesse sentido ela diz que:

Meu fazer pedagógico está baseado não apenas na gramática, mas tento mostrar aos aprendizes a importância do Inglês para suas conquistas no mercado de trabalho. (...) As aulas de Inglês são desenvolvidas de forma a abranger o ensino de gramática e o desempenho das habilidades comunicativas, através de projetos que colocam os discentes em contato com a Língua falada e escrita. Com certeza, o ensino de Língua Inglesa apresentará melhor resultado se for desenvolvido de forma prática. (...) com isso acredito

que a língua inglesa pode ser aprendida no Brasil, pois se o aprendiz for estimulado na prática e não apenas a teoria da gramática, é possível aprender com certeza.

Desse modo, a professora A demonstra confiança na utilização de novas atitudes, como a utilização de projetos que levem os alunos a se comunicar, a utilizar na prática a língua estudada, assim, se despreendendo de velhos métodos de ensino. Nesse sentido, a prática no ensino de língua estrangeira trará melhores resultados no aprendizado, em contra partida, pensar somente no mercado de trabalho afunila as possibilidades que a aprendizagem em língua inglesa pode proporcionar.

A Professora B menciona que segue os planejamentos que são produzidos para orientar o professor com relação às atividades e conteúdo, orientações essas que são modificadas em cada serie a medida que o aluno aprende, assim como vemos na BNCC onde são divididas entre unidades temáticas e objetos de conhecimento (BRASIL, 2018). Nesse sentido, ela diz que:

Sigo planejamento direcionado ao nível de Inglês da turma e utilizo estratégias de ensino de acordo com o conteúdo a ser aprendido procurando facilitar ao máximo o entendimento por parte dos alunos. (...) cada turma tem apenas 1 hora e meia de aula por semana. Sendo pouco tempo para aprender uma nova língua é de fundamental importância que os alunos continuem aprendendo em casa por meios de informação como internet, por exemplo. E que a família os apoie nesse sentido para facilitar o entendimento quando estiverem na aula presencial na sala de aula.

Apesar de pouco tempo que a professora B possui para ministrar sua aula, ela se apega em estratégias de ensino que sendo bem aplicadas são eficazes, assim como ela diz, facilita a aprendizagem dos alunos. Apesar disso, ela deposita uma parte da responsabilidade desse aprendizado a família e ao uso da internet, e como sabemos muitas dos alunos não possuem internet e principalmente o apoio da família, visto que, historicamente, a relação entre família e escola não é a mais efetiva, sobretudo quando se fala em aprendizado.

Em sua fala, nota-se que a professora C trabalha de diversas formas, utilizando diversas metodologias, fazendo o aprendizado ser mais agradável para os alunos. A docente afirma que:

Procuro trabalhar vocabulário, a gramática que não pode faltar, os textos, uso do dicionário que é muito importante. Diálogos, conversação e instigo os alunos a pesquisar também. (...) Por minha parte, procuro ser bem dinâmica e criativa em minhas aulas. Procuro

sempre saber o que eles gostariam de aprender mais. Coloco-os para pesquisarem. Mas, não se esquecendo de trabalhar também o que é proposto pela escola. Não fico apenas nos livros. Faço o possível para tornar minhas aulas mais atrativas e os alunos são muito instigantes, perguntam demais. Imagina se eles perguntassem e o professor não soubesse responder, seria complicado. Por meio disso acredito que o ensino de inglês é importante em Codó.

Percebe-se que a professora C trabalha de forma bem abrangente, no sentido de que em suas aulas ela trabalha o que os professores chamam de os quatros pilares, que é o listening, writting, reading e o speaking. Nesse sentido, ela abarca conteúdos que são essenciais para aprender o inglês. Contudo a professora menciona fazer de tudo por uma aula atrativa, que pode ser um erro. Tornar as aulas mais atrativas não significa dizer que o aluno irá aprender, dessa forma os professores devem tomar cuidado ao utilizar dessa conduta, pois mesmo a aula sendo legal, ela não consiga suprir a necessidade do aluno em algum assunto abordado.

A professora D, por sua vez, percebe sua prática voltada sobre o quão o inglês pode ser importante na vida dos alunos, tanto na aquisição de uma vaga em universidades como para além da escola, assim ela diz que:

Tenho contribuído me esforçando para que os alunos vejam que o Inglês pode abrir a janela para o mundo e que não precisa sair do Brasil para se aprender essa língua. Tento motiva-los. (...) A grande maioria dos meus alunos são da zona rural, os mesmos veem com um déficit enorme de aprendizado até mesmo do português. Baseado nisso, tento começar do zero com eles, no caso os alunos do 1º ano. Busco focar na habilidade Reading, uma vez que o objetivo do Ensino Médio é que o aluno faça o ENEM, sendo essa habilidade a principal a ser usada (trabalho estratégias de leitura). Uso textos do livro didático juntamente com ensino da gramática e de elementos que aparecem ao longo dos textos. Acredito que teria melhores resultados se eles tivessem motivados realmente a aprender Inglês, uma vez que a falta de interesse é geral, ou seja, com quase todas as disciplinas. Teria maiores resultados se tivéssemos mais equipamentos disponíveis na escola, para sair da monotonia.

A professora menciona em sua fala diversos fatores que ora ajudam e ora atrapalham o encaminhamento de sua aula. Trabalhar a leitura (reading) na língua inglesa é muito importante, mas embora a professora faça isso, seu objetivo precisa ser maior e menos escolar, visto que o ensino deve está voltado para a realidade do aluno, pois pensar somente no exame nacional do ensino médio (ENEM) limita

o aprendizado do aluno. Além disso, utiliza o livro didático para o ensino da gramática também voltados para o ENEM.

O fato de os alunos chegarem com dificuldades tanto na língua materna como no inglês se torna uma agravante, visto que como a professora mesmo diz, precisa recomeçar o ensino de inglês, fato esse que tanto pode ajudar os alunos com dificuldades como atrapalhar quem já está bem desenvolvido, fazendo com que o aluno perca o interesse.

Por fim a professora E demonstra em sua fala uma incapacidade de ensinar a língua inglesa, reconhecendo suas limitações, assim ela diz que:

Acho que não estou mais contribuindo em nada. Acredito que as minhas aulas precisem de uma boa repaginada. Mudanças que ainda espero que aconteça. Não sei como fazer para melhorar. Com isso ainda acho que o aprendizado em Codó seja importante porque deve acompanhar o desenvolvimento da cidade.

A fala da professora E mostra a necessidade de o professor está sempre em busca de conhecimento, se preparando a cada dia, mudança essa que deveria ser viabilizado principalmente pelo governo, garantindo assim um professor mais qualificado. Apesar de a professora saber que suas aulas necessitam de mudanças ela não sabe como fazer acontecer essa mudança, visto vários fatores, que vão desde a desvalorização do professor até a própria disciplina de língua inglesa.

4.4. Discussão dos dados

Dando ênfase para a coleta de dados fornecida pelos participantes, é ideal discutir os grandes problemas encontrados na cidade de Codó-MA, tendo como pressupostos, os fatores que prejudicam o processo do ensino, de acordo com a opinião dos docentes de inglês que atuam no município. Podemos entender, a partir desses profissionais, que não só a nível municipal, mas em nível de Brasil, há grandes dificuldades que impedem o desenvolvimento e os bons resultados para esta disciplina necessária mundialmente.

Corroborando a isso, Santos (2012, p.3), afirma que, em 2002, houve o II Encontro Nacional sobre Políticas de Línguas Estrangeiras no Rio Grande do Sul, onde se reuniram autoridades educacionais e representantes de associações brasileiras de professores de inglês, no qual discutiram o fato de as escolas brasileiras não têm sido capazes de garantir o aprendizado do inglês. Constatou-se, nessa

reunião, que o conhecimento da língua inglesa só é desfrutado por pessoas que têm condições de arcar com custos adicionais em cursos particulares.

Com isso, é fato que os professores do Brasil enfrentam um grande problema para manter recursos que facilitam ou melhoram o aprendizado do aluno, explanando não somente para o ensino da língua inglesa, mas para outras disciplinas que dependem das gestões de cada município ou vindo prejudicialmente de esferas superiores.

Polidório (2014) enfatiza o fato de que ser professor no Brasil não é fácil, pois enfrentam problemas grandiosos, como salas de aulas muitas cheias, carência de material didático e baixa remuneração. Para ele, esses são os principais fatores que pesam no fracasso do ensino de língua inglesa no ensino público.

Porém, as línguas estrangeiras ainda estão em desenvolvimento no Brasil, pois há alguns tempos atrás houve contrapartidas que levaram para uma possível extinção, como foi explícito no projeto de lei 5.692/71, que propunha a desobrigação da inclusão de línguas estrangeiras no currículo de 1ª e 2ª grau, sob égide de um falso nacionalismo, onde alegava que as escolas não deveriam a se prestar como porta de emprego os estrangeiros (NICHOLLS, 2001, p. 16).

A ineficiência do ensino de inglês se dá também pelo fato desse ensino ser inexistente na infância, iniciando somente no fundamental maior, como algumas entrevistadas citam em suas falas, dessa forma ocorrendo um atraso na aprendizagem que se reflete justamente nas series seguintes. Sobroza (2008, p.8) diz que “Sem dúvida, as crianças têm a seu favor as características biológicas da idade, maior velocidade para aprender”. Assim saber utilizar dessas características pode mudar o quadro do ensino de inglês no Brasil.

Deixando de lado um pouco as dificuldades encontradas em todo o Brasil, focamos as dificuldades encontradas no município de Codó no Maranhão, visto que, quando é feito um comparativo, se igualam sobre os diversos municípios através dos recursos, porém há outros fatores que contribuem ao baixo percentual de aprendizagem da língua inglesa e entre outras disciplinas, levando as ocasiões familiares, no qual a maioria da rede pública reside em zonas rurais, que chegam de modo natural com um déficit de aprendizagem.

Dentre os pontos colocados aqui, é importante observar como os professores pensam e veem os próprios trabalhos. A maioria delas não veem problemas em sua prática e tem um discurso que parece ser o oficial. A professora E parece ser mais

crítica com relação a sua prática e isso é um importante papel para o desenvolvimento do ensino de um modo geral. O professor como agente do saber precisa reconhecer suas limitações e entender que superá-lo reverbera em importante desenvolvimento de habilidades universais nos alunos, sobretudo no ensino de língua inglesa.

Conforme Vygotsky (2000) aborda, as formas de condições sociais e interações humanas afetam o pensamento e o raciocínio dos indivíduos e um ambiente propício para o aprendizado é importante. Dessa forma, o contexto também é um fator importante para o ensino, sendo necessário oferecer condições adequadas de trabalho aos professores e um contexto adequado de aprendizado para os alunos, com recursos múltiplos para o ensino de uma língua, não apenas de sua gramática. A escola brasileira e a estrutura curricular oferecida para o ensino de inglês, do modo que se apresenta, ainda está distante de uma realidade escolar propício para um aprendizado adequado de uma língua estrangeira.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados coletados para este estudo foram relevantes para análise do ensino aprendido da língua inglesa a na cidade de Codó no Maranhão, explorando assim os aspectos gerais do ensino da língua inglesa. Também não deixando de complementar com os comparativos em nível de Brasil. Ao longo do trabalho, houve a exploração da problemática no ensino da língua inglesa, em que foram apontados os fatores determinantes para algumas dificuldades enfrentadas pelos profissionais docentes da língua inglesa.

Este estudo permitiu compreender que os professores de inglês da cidade de Codó-MA, necessitam de maiores recursos para avançar em sua prática e no seu objetivo de desenvolver habilidades comunicacionais em uma língua estrangeira nos alunos das escolas, principalmente quando se fala do ensino público. Conforme foi possível observar, em Codó, para além dos tradicionais problemas do ensino que já são clássicos em todas as escolas brasileiras, agrava-se a falta de recursos, de professores com formação em língua inglesa e uma escola propícia para o aprendizado de uma língua estrangeira.

Além disso constata-se que o ensino de inglês é inexistente na educação infantil, iniciando apenas no fundamental maior, que é do 5º ao 9º ano. Nesse sentido como já mencionado existe uma perda de tempo, ou seja um atraso no aprendizado, fator esse que incide diretamente na eficácia do ensino/aprendizagem, pois é justamente nesse período que o aluno tem mais facilidade para aprender uma língua. Não há também nenhum estudo ou projeto para a inclusão do ensino de inglês na grade da educação infantil.

É importante deixar registradas as dificuldades enfrentadas para a realização deste estudo, sobretudo os limites de aproximações e coleta de dados no campo escolar, como estava previsto no projeto original deste estudo. Por motivos da pandemia causada pelo novo SARS-COV-2/ COVID-19, não foi possível entrevistar outros professores e observar as condições do ensino de língua inglesa na cidade de Codó, sobretudo no ensino fundamental, anos iniciais. Com muito esforço, foi possível fazer contatos via aplicativo de conversa Whatsapp com as participantes desta pesquisa, para que fosse respondida cada questão coletadas para este estudo. Outra limitação foi encontrar referências atuais dos últimos cinco anos, nas bases e dados online sobre o ensino em Codó. Nesse sentido, é importante que os dados sobre a

educação pública de Codó estejam à disposição de todos, é necessário que exista uma base de dados sobre o ensino na cidade de Codó, para além de dados nacionais, que, na maioria das vezes, não acompanha a realidade do ensino nas escolas.

Por fim, as sugestões ideias é que este estudo chegue ao ver de esferas ou coordenações que podem trazer mais recursos, seguindo o incentivo de materiais e recursos econômicos, para que tenham a possibilidade de maiores desenvolvimentos e destaques. Outra sugestão louvável seria a união e formação de um conselho para os professores de inglês da cidade de Codó-MA, para discussões de estratégias, análises de dados e finalizações de como trazer melhorias no ensino aprendizagem dos alunos, Desse modo, a educação pública e privada de Codó poderiam ter as possibilidades de criação de ideias inovadoras e práticas que resultariam em práticas bem sucedidas e resultados para a sociedade como um todo.

É importante que a escola brasileira possa entender sua função na formação do aluno brasileiro como um indivíduo globalizado, uma necessidade importante para todos os povos, sobretudo em um mundo sem fronteiras em que as relações acontecem em níveis internacionais. Munir o aluno de conhecimento em uma língua estrangeira como o inglês é, para além de um luxo ou sofisticação, é uma necessidade de uma nova realidade que se impõe a todos os indivíduos na atualidade. Nesse contexto, a escola precisa assumir seu papel de instituição que prepara os indivíduos para os desafios da vida e para um mundo globalizado. Para que a escola brasileira consiga cumprir esse papel, o ensino de língua inglesa precisa ser muito além do que um simples passa tempo ou uma disciplina coringa, a sociedade precisa de uma escola que olhe para o futuro e não uma simples cumpridora de tradições.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNARDO, Aline Cajé. Língua Inglesa na escola pública e a relação com o saber. **Interdisciplinar: revista de estudos em língua e literatura**, v. 4, n. 4, p.94-105, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: Jan. 2020.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.
- BRITISH COUNCIL. **Demandas de aprendizagem de inglês no Brasil**. São Paulo: British Council, 2014. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira. Pdf. Acesso em: 15 Mai. 2020.
- BRITISH COUNCIL. **O ensino de inglês na educação pública brasileira**. São Paulo: British Council, 2015. Disponível em: https://www.britishcouncil.org.br/sites/default/files/estudo_oensinodoinglesnaeducacaopublicabrasileira. Pdf. Acesso em: 10 Ago. 2020.
- COELHO, Hilda Simone Henriques. “**É possível aprender inglês na escola?**” **Crenças de professores e alunos sobre o ensino de inglês em escolas públicas**. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2005.
- COLOMBO, Camila Sthéfanie; CONSULO, Douglas Altamiro. **O ensino de inglês como língua estrangeira para crianças no Brasil: Cenários e reflexões**. São José do Rio Preto: Cultura Acadêmica Editora, 2016.
- CRISTOVÃO, Vera Lucia Lopes; GAMERO, Raquel. Brincar aprendendo ou aprender brincando? O inglês na infância. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 48, n. 2, p. 229-245, 2009.

DE OLIVEIRA, Ênio; DE OLIVEIRA MOTA, Ilka. Ensino de língua inglesa na educação básica: entre a 'qualidade' dos cursos de idioma de iniciativa privada e o silenciamento das escolas públicas estaduais paulistas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 42, 2003.

DE SOUZA, Eliana Santos et al. O ensino da língua inglesa no Brasil. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, v. 1, n. 1, p. 39-46, 2012.

FERNANDES, Meirilene Alves; FELICETTI, Vera Lucia; SZEZECINSKI, Antônio Filipe Maciel. Estratégias didáticas para o ensino da língua inglesa na educação básica. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 1, p. 69-81, 2019.

GIL, A C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROLLA, Elaine; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Para conhecer a aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

Guia Curricular para língua inglesa: Educação infantil. Subsídios para professores e gestores. Londrina, 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/epic/pages/arquivos/guia%20curricular%20versao%20final.pdf>. Acesso em: 20 jan.2020.

LAKATOS, E M; MARCONI, M A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LEFFA, V. J. **Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras**. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). O professor de línguas estrangeiras; construindo a profissão. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.

LIMA, Diógenes Cândido de (Org.). **Ensino Aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas**. São Paulo: Parábola, 2009.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.

NICHOLLS, SUSAN MARY. **Aspectos pedagógicos e metodológicos do ensino de inglês**. UFAL, 2001.

PAIVA, Vera Lucia Menezes de. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

POLIDÓRIO, Valdomiro. O ensino de língua inglesa no Brasil. **Travessias**, v. 8, n. 2, p. 340-346, 2014.

PONTES, V. F.; DAVEL, MAN. O inglês na educação básica: um desafio para o professor. **Revista X, Curitiba**, v. 1, p. 102-117, 2016.

QUEIROZ, Isabela; DE CARVALHO, Raquel Cristina Mendes. A pesquisa no ensino de Língua Inglesa para crianças. **Revista Interfaces**, v. 1, n. 1, p. 76-82, 2010.

SANTOS GARGALLO, I. **Lingüística aplicada a la enseñanza-aprendizaje de español como lengua extranjera**. 3 ed. Madrid: Arco Libros, 2010.

SCHÜTZ, Ricardo. **“Assimilação natural x ensino formal”**. English Made in Brazil. <http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>. Online. Acesso em 06 junho de 2020.

SOBROZA, Lidiane Schlotefeldt. **Aquisição x Aprendizagem da língua estrangeira**. Linguagens & Cidadania, v. 10, n. 1, 2008.

TEIXEIRA, Joyce Rodrigues Lage; DA SILVA, Victor Ramos. **Inglês e a escola pública: um estudo do real**. Revista Magistro, v. 1, n. 15, 2017.

VIGOTSKI, L S. Pensamento e língua. São Paulo: **Martins Fontes**, 2000.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário utilizado na pesquisa

Questionário utilizado para a produção de monografia com o tema: O ensino de língua inglesa no ensino fundamental do município de Codó-MA: uma análise do ensino público e privado Autor: Evandson da Silva Feitosa

1. Qual seu Nome?
2. Qual a sua formação? Quanto tempo trabalha com a língua inglesa?
3. Em qual tipo de escola você trabalha?
4. Em qual série(s) do ensino fundamental você atua?
5. Qual a sua opinião sobre o ensino de língua inglesa no Brasil? E em Codó?
6. Na sua opinião o Brasileiro sabe falar inglês? Se não, quais os fatores que contribuem para que o ensino de língua inglesa não funcione?
7. Como você contribui para o aprendizado da língua inglesa em sala de aula?
8. Você acredita que seja possível aprender inglês na educação básica?
9. Você trabalha apenas com a língua inglesa? Se não, quais outras disciplinas você leciona?
10. Você acredita que o ensino de inglês é importante no município de Codó? Por que?
11. Como são as aulas de inglês na escola em que trabalha? E de que forma ela apresentaria melhores resultados, na sua opinião?
12. Na sua opinião, como o ensino de língua inglesa na educação básica é visto no Brasil?